

Para além da vida: o amor, a beleza e decrepitude

(A obra de Sandro Botticelli)

DR. VALDERILIO FEIJÓ AZEVEDO



“A Natividade Mística”, de 1500-1501, a única obra assinada de Botticelli, Pintura de óleo sobre tela está exposta na Galeria Nacional de Londres.



Autorretrato, de Botticelli.

No passado, acreditava-se que o ver e – consequentemente – a representação eram culturalmente determinados, o que implicava em dizer que ocorriam em certas sociedades mas não em outras. Claro que o ver parece ter bases biológicas e, como todas as capacidades inatas, exige um ambiente favorável e estimulante para amadurecer. Por certo, Sandro Botticelli (1445-1510), teve amplas condições para amadurecer sua arte pictórica, num ambiente que revalorizava a arte pagã e a cultura greco-romana. Merece nossos

BOTTICELLI ERA IRREQUIETO, APRENDIA TUDO COM FACILIDADE, MAS PARECE QUE NÃO SE CONTENTAVA COM NENHUMA ESCOLA, LEITURA OU ESCRITURA.

plenos elogios e admiração por todas as pinturas que fez e que ultrapassaram as representações bíblicas, impulsionando e imortalizando as emoções do amor e do afeto.

Nascido Alessandro di Mariano di Vanni Filipepi, era filho de um cidadão florentino chamado Mariano Filipepi, que o educou com muita diligência. Botticelli era irrequeto, aprendia tudo com facilidade, mas parece que não se contentava com nenhuma escola, leitura ou escritura. Aprendeu cada vez mais sua arte com grandes mestres, como Filippo del Carmine, que o introduziu em técnicas e logo foi superado por seu pupilo. Conta-se que Botticelli era uma figura muito agradável e de uma boa conversa, culto, e em sua companhia a diversão era quase certa. Numa de suas piadas se denominou herege a um amigo, relatando que alma morria com o corpo, e isso lhe trouxe alguns problemas numa época em que o paganismo ainda era malvisto no mundo europeu, majoritariamente cristão.

Enfim, Botticelli revalorizou o corpo, a beleza e até a nudez feminina, transformando a mulher em um ícone da natureza humana. É provavelmente o primeiro pintor a tratar a nudez fora da visão bíblica da figura paradisíaca de Eva. Além disso, pintava muito bem cabeças, desenhadas em distintas posturas, de frente, de perfil, inclinadas, de distintos aspectos jovens e anciões, revelando a sua maestria da representação da figura humana. Aperfeiçoou sua paleta de cores ao longo da vida, usando quase todas as cores, mas em especial muitas cores frias, como apresentadas em obras como *A primavera* (1482), *O castigo dos Rebeldes*, que se encontra na Capela Sistina, no Vaticano, e *O Banquete de Casamento* (1483).

Nossa trilogia da revista *Iátrico*, afortunadamente, traz estampada nas três capas uma obra que é indiscutivelmente ícone do movimento renascentista italiano: O Nascimento de Vênus, que se atualmente encontra na Galeria Uffizi, um dos museus mais importantes do mundo e que fica em Florença (Itália). Provavelmente criada entre 1483 e 1486, nela Botticelli inova sua produção que era focada em cenas bíblicas para uma cena indiscutivelmente influenciada pela cultura greco-romana. Os olhos de Botticelli se voltam para essa mitologia.

A tela, pintada com têmpera e medindo seus quase três metros por dois metros, foi encomendada por um importante banqueiro e político da sociedade italiana da época, chamado Lorenzo di Pierfrancesco, com intuito de decorar sua residência. O quadro é magnífico e merece nossa interpretação. Vênus é iluminada pela clareza das cores da paleta de Botticelli e representada nua, com uma beleza inigualável, pura, no qual suas curvas femininas são amplamente enfatizadas, mas o que chama a atenção são seus gestos pudicos, tão bem retratados por ele, com os quais ela tenta esconder as mamas com a mão direita e a região genital com mechas de seus longos cabelos ruivos.

Vênus surge do mar sobre uma concha que provavelmente representa o prazer e a fertilidade. Zephyrus, deus grego do vento, e uma ninfa, ambos pelo lado direito, parecem ajudar Vênus, soprando-a em direção à terra. O pintor destaca rosas que caem com o sopro dos dois, talvez representando a leveza do amor. Em terra, pelo lado direito, está a Deusa Primavera, com suas vestes esvoaçantes, floridas, ela também uma ruiva, aguardando a chegada de Vênus, quase que para cobri-la da nudez com um manto florido. Não é à toa que a primavera tem representado, ao longo dos séculos, a renovação e o florescimento da vida. Os quadros pagãos, como esse, por vezes enfrentavam a fogueira do padre dominicano Hyeronimus Savonarola, pregador renascentista que ficou conhecido pela destruição de artes e artigos de origem secular e apelos pela reforma da igreja católica. Felizmente, essa obra escapou dessa tradição revoltosa contra a obra pagã e nos enche os olhos até os dias de hoje.

A natureza se esforça em conceder a muitos a virtude e, por vezes, os faz descuidados, pois como não pensam no fim de suas vidas, podem carecer tanto de necessidades que recorrem à ajuda de outros. No final de sua vida, velho e desvalido, arrastava-se em duas muletas, e como não podia fazer nada mais, doente, decrépito e em miséria, morreu aos 65 anos de idade, sepultado em Ogni Santi de Florença, no ano de 1510. ❶



"O Nascimento de Vênus", têmpera sobre tela com dimensão de 172,5 x 278,5, pintura de Sandro Botticelli que data de 1483. A obra, que está exposta na Galeria Uffizi (Florença, Itália), inspirou as ilustrações de capa da trilogia MORRER-VIVER-NASCER. Aqui em sua completude.

